

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 21 de fevereiro de 2018**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja,
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2015. pp. 270-277*

- *Simple as this*
- *Noi non sappiamo chi era*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: Cantamos: “Estive buscando... estive buscando..., tentei..., viajei..., mas só me desiludi..., e a resposta, bem, quem diria que seria algo simples assim?”. É simples, como aconteceu a Pedro, ou a Dimas, ou a Paulo. Dom Giussani diz, em *O senso religioso*, que a verdade é algo que a pessoa descobre, desde que esteja atenta. É simples assim! Participando de um lugar como a Igreja, também nós podemos encontrar o que estamos buscando. Mas, “para entender o fato cristão [lemos no texto sobre o qual trabalhamos para esta noite] é preciso referir-se continuamente à vida” (p. 273). É somente na vida que o fato cristão se desvela aos nossos olhos em todo o seu alcance. Fazendo isso, as páginas deste capítulo, que inicialmente poderiam parecer abstratas, adquirem um valor desconhecido e o que parecia abstrato torna-se incidente, como me escreveu um amigo que não pôde vir porque mora longe: “O dia começou com a descoberta do meu esquecimento em relação a uma pessoa que tinha me pedido ajuda”. Este foi ponto de partida para tomar uma iniciativa: “Tomado pelo desconforto, senti a necessidade de retomar a transcrição da última Escola de Comunidade, onde se dizia que ‘somente participando de um lugar somos introduzidos à verdade de nós mesmos, àquela vibração inefável e total que faz com que me torne um eu’”. Quando alguém se torna consciente disto, “só há duas possibilidades: ou fugir, pensando que no fundo aquele esquecimento é uma bobagem, ou seguir [aquilo que encontrou]. Então reconheço que esta segunda opção é a que desejo para mim, seguir o que me fez estremecer”. Por quê? Qual é a razão? “Porque a segunda opção é a única capaz de me recolocar em movimento. E então, a Escola de Comunidade torna-se o meio que pontualmente me lembra de um caminho, dos rostos sem os quais não haveria sentido falar de “Corpo de Cristo”, lembra-me de quem eu sou. Assim, o magistério ordinário torna-se aquela convivência, aquela vida vivida, aquela “fidelidade à vida da comunidade eclesial” que nos educa a reconhecer Cristo e, portanto, a prestar atenção” ao que acontece na vida, que nos coloca em movimento. Assim, um dogma deixa de ser percebido como algo abstrato e começa a ser reconhecido como “um meio através do qual Cristo alcança até o último homem da terra”, inclusive um pobre coitado como eu, para me recolocar em movimento. Só quando uma pessoa experimenta qual é a conveniência daquilo que acontece na comunidade cristã, começa a perceber o valor do que pareceria abstrato, sem interesse, sem relação com a vida. Mas há alguém entre vocês que não pensa que as páginas sobre o magistério ordinário e extraordinário são abstratas, não é verdade?

Colocação: *A questão interessante e dramática que surgiu neste período na nossa Escola de Comunidade diz respeito à autoridade. Discutindo com alguns amigos ficou evidente que este capítulo os irritava, não era útil para sua busca pessoal por Deus, e mais, para eles a Igreja como autoridade e hierarquia (burocracia, leis, Vaticano) é danosa e um obstáculo para o encontro com Cristo. O trecho sobre o magistério lhes parece um monumento a essa Igreja de poder, que nada tem a ver com Cristo e seu Evangelho. Assim, pensamos em pedir uma ajuda sobre este ponto.*

Carrón: Um belo desafio, para começar! Aqui, não se brinca, senão vocês perderiam o interesse por este diálogo! Sem perguntas desse tipo, que interesse teria fazer Escola de Comunidade? O que estamos dizendo é um obstáculo ou uma ajuda?

Começo a responder a essa estupenda pergunta lendo o testemunho de uma pessoa que documenta que a comunidade cristã não só não é um obstáculo para a busca de Deus, mas é exatamente o que a coloca em movimento e permite fazer um percurso de busca, livremente: “Caríssimo Julián, tenho cinquenta e oito anos e conheço o Movimento desde 1978. No colégio, meus melhores amigos eram do Movimento. Passávamos as horas juntos e eu conversava com eles sobre muitos aspectos da minha vida, mas rejeitava a estrutura, as regras, me vangloriava da minha independência. O padre do Movimento me conhecia e sempre me cumprimentava com um largo sorriso sem pretensão alguma. Eu aproveitava este bem, mas ficava à margem, não queria nenhuma etiqueta e nenhuma obrigação. Durante os anos de universidade perdi aqueles amigos de vista, mas os reencontrei mais tarde e, entre eles, reencontrei também um colega de colégio que, depois, tornou-se meu marido. Ele pertencia ao Movimento, mas pretendi que aquela fosse a história “dele”, não queria me envolver. As poucas vezes em que, naquele ano (eram os Anos Noventa), participei da Escola de Comunidade, voltei para casa desiludida e amargurada, porque entrava em choque com a pretensão de muitos de afirmar a própria superioridade em relação aos outros, uma autocelebração que sempre me incomodou. Durante a adolescência, conheci outros grupos e nunca pensei que o Movimento fosse o melhor caminho para todos. Durante os vinte e oito anos do meu casamento frequentei a casa de muitos amigos de meu marido e experimentei uma ajuda concreta para a minha vida. Nunca me olharam com a pretensão de me converter, ofereceram-me a sua amizade e eu abri de bom grado a minha casa para os encontros que faziam, aceitei passar as férias com eles. Aos poucos, me envolvi, mas sempre com o instinto inicial de me defender de qualquer etiqueta e de toda ‘definição’ que pudesse de algum modo arruinar o encontro com meus outros amigos e colegas, os quais nunca julguei inferiores, ou menores, em relação às pessoas do Movimento. Durante estes anos mantive a convicção de que o outro, qualquer outro, é um bem, um mistério, um dom para a minha vida. Mas essa disponibilidade ao outro, que sempre achei que fosse meu ponto forte, agora transformou-se em um chamado de atenção para mim mesma. O que sempre me impediu de me inscrever na Fraternidade? A pretensão, no fundo, de ser melhor do que muitos outros, o orgulho e a ilusão de me sentir mais livre e independente. Mas o fato é que eu procuro esses amigos, busco os seus textos, escuto e canto as canções de vocês, participo dos gestos que vocês propõem, leio os livros propostos e... fujo de um sim. Sim, é assim. Eu também preciso de um lugar que me ajude a crescer, eu também preciso ceder a um bem encontrado e me deixar guiar, confiando no cêntuplo prometido. Não obtenho o cêntuplo protegendo-me de mim mesma, temendo o que os outros possam pedir da minha vida. Quero aprender a confiar-me, porque Cristo teve uma paciência infinita comigo. Deve ter rido de todas as minhas ‘tocatas e fugas’. Eu O afastava e Ele sabia como me conquistar de novo. Estou pedindo minha inscrição na Fraternidade. Certamente não está tudo claro, mas não quero mais fugir do bem que recebi neste lugar e, para ficar agarrada a Cristo, preciso de rostos e de um lugar. Eu já os tenho próximos, falta o meu sim, e ceder àquilo que já vi”. Aqui, vemos como esta pessoa usou todo o espaço de liberdade – sem que ninguém a obrigasse a fazer nada – para fazer um percurso que lentamente levou-a a perceber como pertinente à sua vida o que antes rejeitava. Essa dificuldade, pela qual o dogma ou a autoridade podem ser percebidos como um obstáculo, já foi enfrentada por Dom Giussani no texto da Escola de Comunidade. Quem percebe o dogma como algo “ditatorial”, que impede o caminho da razão e da liberdade, provavelmente não entendeu o método com o qual a Igreja chega à proclamação de um dogma, que é “a formulação definitiva de uma tomada de consciência da verdade da qual a Igreja é depositária” (p. 273). Dom Giussani dá um exemplo que pode ajudar a entender como a Igreja chega à definição de um dogma: “Isto tem uma analogia com a mais comum experiência da vida. Quando cada um de nós tinha cinco ou dez anos, assumia uma postura própria diante da vida, correspondente a determinadas circunstâncias da existência, que refletiam também a sua personalidade; todavia, certas ideias, enquanto a pessoa cresce, sempre dentro da expressão unitária de uma personalidade, sofrem algumas flexões de expressão. Assim é na história da Igreja” (p. 273). Na nossa experiência, chegamos a uma certa clareza aos poucos, adquirindo consciência de coisas que antes não eram nossas. Na história da Igreja verifica-se exatamente o mesmo processo. Se alguém nega isso na

história da Igreja, deveria negar igualmente na própria experiência. Por isso, às vezes, para nos ajudar a entender aquilo sobre o que temos dificuldade em relação à vida da Igreja, é preciso se referir à nossa experiência da vida: “Com o passar do tempo, no impacto com as circunstâncias e na provocação dos acontecimentos, toma sempre mais consciência de si” (p. 273), ou seja, de algo que antes não entendia. E isso não é contra a razão ou contra a liberdade, não é algo ditatorial; de fato, quando a pessoa chega aos poucos a esta clareza, deseja ainda mais encontrar algo que a ajude a viver. Por isso, como a Igreja é uma vida, apenas participando desta vida, como fez essa pessoa, pode alcançar uma clareza em relação àquilo que ela proclama.

Mas isso nos introduz a uma questão ainda mais radical, que é a objeção levantada por Nietzsche, que diz que crer, aceitar o que a Igreja nos propõe, se oporia à busca. Tal questão é enfrentada na encíclica *Lumen fidei*, escrita por Bento XVI e pelo Papa Francisco: “E, contudo, podemos ouvir a objeção que se levanta de muitos dos nossos contemporâneos, quando se lhes fala desta luz da fé. Nos tempos modernos, pensou-se que tal luz poderia ter sido suficiente para as sociedades antigas, mas não servia para os novos tempos, para o homem tornado adulto, orgulhoso da sua razão, desejoso de explorar de forma nova o futuro. Nesta perspectiva, a fé aparecia como uma luz ilusória, que impedia [este é o ponto!] o homem de cultivar a ousadia do saber [era o slogan do Iluminismo: *Sapere aude*, ter a coragem, a audácia de saber]. O jovem Nietzsche convidava a irmã Elisabeth a arriscar, percorrendo vias novas (...), na incerteza de proceder de forma autônoma”. E acrescentava: “Neste ponto, separam-se os caminhos da humanidade: se queres alcançar a paz da alma e a felicidade, contenta-se com a fé; mas se queres ser uma discípula da verdade, então investiga”, busca. E esta é a frase que o Papa comenta, aquela segundo a qual crer se oporia à busca: “Partindo daqui, Nietzsche desenvolverá a sua crítica ao cristianismo por ter diminuído o alcance da existência humana, espoliando a vida de novidade e aventura. Neste caso, a fé seria uma espécie de ilusão de luz, que impede o nosso caminho de homens livres rumo ao amanhã. Por este caminho, a fé acabou por ser associada com a escuridão. E, a fim de conviver com a luz da razão, pensou-se na possibilidade de a conservar, de lhe encontrar um espaço: o espaço para a fé abria-se onde a razão não podia iluminar, onde o homem já não podia ter certezas. Deste modo, a fé foi entendida como um salto no vazio, que fazemos por falta de luz e impelidos por um sentimento cego, ou como uma luz subjetiva, talvez capaz de aquecer o coração e consolar pessoalmente, mas impossível de ser proposta aos outros como luz objetiva e comum para iluminar o caminho. Entretanto, pouco a pouco, foi-se vendo que a luz da razão autônoma não consegue iluminar suficientemente o futuro; este, no fim das contas, permanece na sua obscuridade e deixa o homem no temor do desconhecido. E, assim, [paradoxalmente] o homem renunciou à busca [verificou-se o oposto: não era a fé que impedia a busca, mas a falta de fé bloqueou a busca] de uma luz grande, de uma verdade grande, para se contentar com pequenas luzes que iluminam por breves instantes, mas são incapazes de desvendar a estrada. Quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direção”. (Encíclica *Lumen fidei*, nn. 2-3).

De fato, somente quem fez um encontro, como São Paulo, pode dizer: “esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta” (cf. Fil 3,13-14). Pode afirmar isso justamente por causa do que encontrou. Agora precisamos verificar se participar deste lugar que é a Igreja, se o trabalho sobre a Escola de Comunidade nos fez caminhar ou nos bloqueou quando enfrentamos as circunstâncias que precisamos enfrentar.

Colocação: *Lendo o texto da Escola de Comunidade percebi que dei um pequeno passo de consciência. É verdade que na Igreja (não sei se está certo, mas diria também no Movimento) nem tudo é dogma, mas é interessante viver tudo à luz da função pedagógica da Igreja, da sua tarefa educativa, por isso a proclamação de um dogma tem sempre como horizonte a missão que ela deve realizar “dentro da grande pedagogia do homem em direção a Cristo”. Comecei perguntando-me – nestes dias muito intensos e cheios de provocações em diversos âmbitos – se haveria, em um texto que fala de magistério ordinário e extraordinário, sugestões para viver; mas perguntava isso com*

um certo preconceito de que, no fundo, seriam sugestões um pouco abstratas e que os critérios para olhar e observar o que devo viver precisariam vir de outro lugar! O que tem a ver, por exemplo, tudo isso com o fato misterioso de, na última sexta-feira, um aluno meu de quinze anos, depois de dois anos de doença, ter terminado a sua vida de um modo que todos esperávamos fosse diferente? Ou, o que tem a ver o magistério extraordinário com a provocação das eleições? Até que fui tocada por duas coisas que você destacou. A primeira foi quando você disse, durante a Diaconia da Lombardia, que o nosso pertencer à Igreja, este estar imersos no “magistério ordinário”, faz nascer tudo o que estamos vendo – e que eu mesma estou vendo –: iniciativas de diálogo, pontos de trabalho para compreender o que está em jogo, amigos que não se esquivam das muitas perguntas na tentativa de compreender o que é realmente o bem comum; o ganho que vemos, como você dizia, é o crescimento do nosso eu e do eu dos outros, ou seja, o nascimento de uma criatura nova. E a segunda, foi o que você disse na entrevista que deu depois da audiência com o Papa: quando lhe perguntaram qual seria, a seu ver, a novidade do magistério do Papa Francisco, você respondeu que a maior contribuição “é tornar-nos conscientes desta mudança de época, que lança um desafio a todos nós: [...] o de ver as formas concretas com que a Igreja se posiciona hoje diante do mundo e dos desafios que nos dizem respeito a todos” (“O encontro de hoje entre Francisco e padre Carrón, presidente de CL”, entrevista a A. Masotti, vaticannews.va, 2 de fevereiro de 2018). Num instante, essas suas observações me reportaram ao trabalho de Escola de Comunidade. Percebi um denominador comum: o que elimina qualquer abstração é exatamente essa experiência de Igreja que você descreveu, assim como se lê no texto: “A Igreja [...], e é tão fácil esquecê-lo, é uma vida. É a vida de Alguém [...] que se desenvolve no tempo dentro da organicidade viva do Seu povo [...] é [...] uma vida que com o tempo toma sempre mais consciência de si” (p. 274). O que você disse imediatamente me remeteu àquilo que meus olhos viram nestas duas últimas semanas, mas do qual não tinha consciência. Em relação à morte do meu aluno, não podia separar isso do fato de ter visto aquela mãe que, diante do filho que morre, tranquiliza o médico ateu – que lhe diz estar humanamente invejoso por tê-la visto viver uma prova tão grande que, para ele, como médico, era apenas uma derrota – dizendo-lhe: “Para nós, esta morte não é uma derrota. Meu filho está no Paraíso e nós somos assim por causa da história à qual pertencemos”. Era como se dissesse: somos o fruto de uma vida educada na Igreja. O segundo aspecto que intuí como fruto dessa função pedagógica é que dizer: “Pois bem, é uma segurança definitiva!” (como quando um dogma é proclamado), nesta circunstância eleitoral não nasce porque tudo se encaixa ou porque temos certeza de uma estratégia, mas porque neste estar imersos na Igreja, como você nos lembrava, “com o passar do tempo, no impacto com as circunstâncias e na provocação dos acontecimentos, toma-se sempre mais consciência de si [...] com a segurança dada pela adesão à autoridade” (p. 273-274). Esta é uma segurança definitiva. Sou grata, porque olho com obediência para a sua autoridade e olho para todos os amigos que por ela são desafiados todos os dias como instrumento extraordinário para descobrir a verdade de mim naquilo que é ordinário.

Carrón: Como vemos, cada um faz a verificação no que é real, diante dos desafios da vida, não nos próprios pensamentos. Diante da morte de um aluno tão jovem, diante do desafio eleitoral a pessoa vê se o pertencer à comunidade cristã a poupa do caminho ou a coloca em busca, para entender. Porque quem não tem nada para ver, se bloqueia diante da escuridão da morte, mas quem pertence a um lugar que abre o horizonte da razão, não se consola sentimentalmente, mas começa a perceber o alcance daquilo que lhe é dito, por exemplo, dá-se conta de que o dogma da Assunção desafia a sua razão, porque é como dizer: o valor da vida não está no êxito, não está naquilo que temos na cabeça, o valor da vida consiste no fato de ser destinada àquela vitória que já aconteceu em Nossa Senhora. Por isso, podemos olhar para o nosso aluno, para o nosso amigo, com os mesmos olhos com que a mãe o olha. Não deixamos a razão no armário! Podemos olhar até para a morte com essa consciência e, então, tudo se torna uma provocação que coloca nossa busca em movimento. Agora vemos isso também em relação à provocação que são as eleições. O ponto de partida para entender o alcance daquilo que vivemos é a desconfiança total que existe em relação às eleições.

Colocação: *Que coisa tem sido este período!*

Carrón: “Que coisa!”.

Colocação: *Se já tinha ficado boquiaberta com sua proposta de trabalho para verificarmos a fé nos gestos de caridade, desta vez fui a nocaute. Como verificar a fé em relação ao modo como nos colocamos diante das eleições?*

Carrón: Diferente de viver nas nuvens, como pensam alguns.

Colocação: *Nunca tinha levado a sério o trabalho sobre as eleições como neste ano. Comecei a estudar todos os textos que foram sugeridos para aprofundar, para conhecer.*

Carrón: Portanto, a fé levou você a estudar para conhecer ou fez você pensar que já sabia? Precisamos verificar as objeções que surgem em nós na experiência: a fé não fez você parar no “já sei”, mas colocou em movimento a sua razão, o seu desejo de entender.

Colocação: *Foi uma ocasião excepcional. E quem poderia ter imaginado isso?*

Carrón: Perfeito! “Quem poderia ter imaginado?”.

Colocação: *A coisa mais bonita, em absoluto, foi ver tantas pessoas em minha volta que começaram a fazer um trabalho, um trabalho sério, partindo da própria experiência. Alguns, partiram do relacionamento com os filhos, outros, das exigências do próprio trabalho, em uma comparação contínua. Em suma: esta sua proposta gerou um alvoroço sobre uma coisa, uma ocasião que muitos de nós – eu em primeiro lugar – sempre desejaram que passasse o mais rápido possível, não vendo a hora de tudo acabar. O movimento pessoal que essa provocação suscitou é o espetáculo da geração de um eu novo, desejoso de ser protagonista agora. Todo esse alvoroço gerou, a partir do trabalho de Escola de Comunidade, o desejo de nos encontrarmos para discutir sobre as eleições, não como iniciativa “habitual” do responsável, mas realmente como exigência pessoal de verificar esse caminho particular de cada um, para tomar consciência de como estamos em caminho dentro deste lugar que acompanha a história e nossa história pessoal, que se chama “Igreja”. Estou comovida e grata por esse passo totalmente inesperado.*

Carrón: Estão vendo? No envolvimento com as eleições podemos verificar se quem encontrou algo na vida continua buscando ou parou de buscar, e, nesse caso, como acontece com muitos, a desconfiança vence. É justamente diante dessa desconfiança que devemos verificar a nossa fé. Como nos lembrou o Cardeal Bassetti: “Como bispos, nos unimos antes de mais nada ao apelo do Chefe de Estado para superarmos qualquer motivo de desconfiança e de desafeição [a Igreja convida a não se deixar levar por essa primeira reação, como acontece] para irmos às urnas com um senso de responsabilidade para com a comunidade nacional”. Como realidade social e histórica, a Igreja convida a buscar “alcançar – diz, ainda, o Cardeal Bassetti – uma real colaboração a serviço do bem comum” (*Abertura do Conselho Permanente CEI*, 22 de janeiro de 2018). A primeira contribuição que a Igreja nos dá, mesmo que desejemos com todo o coração – como dizia nossa amiga – que as eleições passem o mais rápido possível, é nos colocar em movimento. Sem um lugar que eduque a esse movimento, sem fazer um caminho, a pessoa pode se contentar com o que tem e, então, prevalece a desconfiança.

Colocação: *Enquanto lia o texto da Escola de Comunidade me aconteceu uma coisa. Começo dizendo que nestas semanas mudei de trabalho e o impacto com os novos colegas foi difícil. Não gosto muito do modo como trabalham e isso me fez construir um muro no meu relacionamento com eles. Nos últimos dias dei-me conta de que ia trabalhar pensando que depois de algumas horas poderia ir embora e, sobretudo, percebi que, assumindo essa postura, me sentia bem e estava tranquila. Mas, ao perceber esta dinâmica, intuí que algo não estava bem, porque na minha história nunca me bastou viver assim, porém, estava fechada neste ponto.*

Carrón: Estão vendo como começamos a nos dar conta das coisas a partir de como vivemos no cotidiano? Por que você não se satisfaz vivendo assim? Porque, você disse, “na minha história nunca me bastou viver assim”. Diferente de deixar de buscar, a sua história é justamente o que impede você de não buscar mais!

Colocação: *Depois, aconteceram duas coisas. Por causa de uma circunstância que me aconteceu, vieram à tona os meus defeitos de sempre e, assim, renasceu em mim a pergunta: eu estou bem assim? A segunda coisa foi uma conversa com uma amiga, que me perguntou o que eu estava descobrindo no relacionamento com meu namorado. Essas duas perguntas me colocaram um pouco contra a parede, porque me encontraram vazia. Não automaticamente, mas depois de algumas horas, decidi ler o texto da Escola de Comunidade e percebi o que tinha acontecido. Aquelas duas perguntas incômodas me devolveram aquela pobreza de que se falava na última Escola de Comunidade, fizeram-me voltar a olhar para o meu desejo e admitir que havia uma distância, ou seja, que me faltava algo, tanto que retomei o texto da Escola de Comunidade. Fiquei muito marcada com o que aconteceu em seguida: tinha que ir visitar uma amiga, mas não tinha nenhuma intenção de ser verdadeira ou de perguntar o que estava descobrindo, porém, depois do que tinha me acontecido, fui encontrá-la com uma postura mais pobre, com toda a minha necessidade de encontrá-la e de saber como ela estava conhecendo Jesus.*

Carrón: Somente um lugar como a comunidade cristã pode despertar constantemente a vontade de se colocar em movimento, de levar a sério e ir atrás das perguntas com as quais a vida nos provoca. Diferente de um lugar onde se vive tudo de modo achatado, sem perguntas e sem busca! Este é um lugar que suscita em nós as perguntas. Que outras perguntas tivemos neste período?

Colocação: *Uma pergunta que permanece e que está me colocando em movimento diz respeito à passagem sobre o “bem comum” do qual o Papa falou em Cesena: o que tem a ver o bem comum com o meu estar na escola, na família, com fazer compras ou pegar um resfriado? São duas palavras que inicialmente me correspondiam, mas que depois foram se tornando cada vez mais abstratas, enquanto sentia uma maior familiaridade com a palavra “subsidiariedade”, da qual mais facilmente reconheço os traços na minha experiência e que, para mim, conota melhor a dinâmica da caridade. Sim, porque o termo “bem comum” me parece ambíguo. Bem no fundo, o que desejo é a experiência humana de Jesus, do modo como sempre é repetida nas palavras da missa: “Ofereceu livremente a si mesmo”. Esta é a posição que queria para mim. Nada menos que isso. E este ímpeto de caridade que nasce no coração não é meu, faz com que eu me mova em direção a quem encontro, e o movimento de bem que experimento é por quem está diante de mim, em primeiro lugar. Não consigo entender o bem comum como valor universal capaz de gerar uma dinâmica de caridade, parece-me esconder alguns riscos. Ajude-me a entender para que eu possa dar o passo que nos pede.*

Carrón: Esse ímpeto de caridade que faz você se mover em direção ao outro, esse movimento de bem que experimenta, o que é, senão o bem comum? Você se move por um bem que compartilha com o outro. Você sente em si um ímpeto em direção ao outro e nessa experiência descobre como o seu ímpeto se torna um bem também para o outro. Então, o termo “bem comum” começa a deixar de ser abstrato e torna-se algo concreto, para você e para o outro.

Colocação: *Sobre isso, quando eu – que dou aulas de literatura em um colégio – li os panfletos de CL e da CdO sobre as eleições, cada afirmação contida ali me parecia distante da minha experiência porque não tenho envolvimento com a atividade política, ao contrário, sinto-me bastante distante dela, mas uma pergunta continuou ressoando dentro de mim: como posso não ficar olhando da varanda? Como ajustar as contas com uma realidade importante como as eleições? O fato de não ter uma indicação de voto do Movimento, me obrigou a prestar atenção ao que estava acontecendo em minha volta. Um dia, veio ao nosso grupo de Fraternidade, para falar da sua experiência, um jovem da nossa cidade que participa da Associação de Moradores e vive a política como uma coisa muito importante, não secundária. Contou como sempre teve em mente o bem das pessoas partindo das necessidades que via, a ponto de ajudar a retirar a neve quando havia necessidade ou fazer inspeção em todas as ruas do bairro para preparar um relatório sobre os postes com lâmpadas queimadas. Embora o Partido tenha retirado sua assinatura do relatório e a tenha substituído pelo próprio carimbo, ele ficou contente do mesmo modo, porque as lâmpadas*

foram trocadas e a necessidade daquelas pessoas foi respondida. Além disso, contou como, em um congresso diocesano no qual havia um grupo de trabalho sobre política, conheceu pessoas de outros Partidos, mas que entendiam a política do mesmo modo que ele, ou seja, como um serviço. Assim, finalizado o congresso, procurou um deles e depois outros, tanto que, a partir disso, constituiu-se um grupo de pessoas empenhadas em política que se encontram mensalmente para não trabalharem sozinhas. Ouvindo tudo isso, pensei que eu também olho para as coisas desse modo na minha escola, como professora. Eu e outros professores nos encontramos periodicamente para jantar e discutir as necessidades que vemos na escola, para falar sobre o relacionamento com os jovens, com os colegas, com o diretor, para compartilharmos as coisas que nos acontecem, para nos compararmos partindo de um interesse e uma necessidade comuns. O grupo era pequeno, mas o número de participantes foi crescendo progressivamente porque a minha necessidade, na realidade, é a necessidade de todos. Esse é o meu modo de agir “politicamente” – no sentido etimológico – no lugar onde estou.

Carrón: É verdade! É o seu modo de se interessar pela *polis*. Nós é que reduzimos este interesse à participação eleitoral.

Colocação: *Isso também me deu clareza em relação ao voto porque quero apoiar aqueles jovens que tratam a vida a partir dos mesmos pressupostos e necessidades que me movem. Obrigado pelo trabalho pessoal que me levou a fazer e que continuará depois das eleições: uma consciência cada vez maior da minha presença na realidade.*

Carrón: Este é o resultado do trabalho que somos convidados a fazer: diante de algo que inicialmente sentia como distante da experiência, você experimentou o contragolpe e não conseguiu ficar olhando da sacada, como diz o Papa. Tudo o que você contou nasce justamente do pertencer a um lugar que a coloca em movimento na escola, diante das necessidades dos estudantes, assim como moveu aquele amigo político a procurar outros que compartilhassem do mesmo interesse pela política como serviço. Não é fechar-se no individualismo, porque há alguns “eus” que logo começam a gerar lugares, grupos onde esse movimento continua a acontecer e, aos poucos, começam a crescer. O que a pertença à comunidade cristã desperta no sujeito?

Colocação: *A partir do convite do Papa a trabalharmos todos juntos pelo bem comum do nosso País, nasceu em mim a urgência de dizer a todos sobre a novidade de olhar...*

Carrón: Vejam! Não percam o ponto: “Nasceu em mim a urgência”: cada um foi movido por algo, ninguém ficou bloqueado.

Colocação: *...que a minha experiência de fé me deu nestes anos. Sob a pressão dessa urgência, não me contive e escrevi uma carta a um jornal. Leio algumas passagens: “Já há algum tempo está se afirmando a ideia de que o único meio através do qual nós, cidadãos, podemos realmente contribuir com a construção do bem comum, é delegar a responsabilidade política aos nossos representantes eleitos...”*

Carrón: A política é reduzida a delegar aos outros.

Colocação: *...como se neste nível as outras expressões da nossa pessoa como o trabalho, a família, o tempo livre, etc, fossem colocados à prova, completamente não incidentes e irrelevantes. Trata-se, porém, de um juízo completamente parcial. Será que pensamos realmente que nossa única contribuição de cidadãos para o bem comum se reduza em colocar uma cruz numa cédula a cada cinco anos? Com isso, naturalmente não quero dizer que o momento do voto não seja importante para mim, mas que representa apenas uma pequena parcela da contribuição bem mais ampla que posso dar como homem para o bem comum do meu País. Penso de fato que, como minha contribuição para a história do povo ao qual pertença, bem mais importante e decisivas são a intensidade e a paixão com as quais procuro sempre viver o meu trabalho, minhas amizades, meu empenho social, meu tempo livre, minha família e tudo o que o bom Deus me dá para viver junto com meus irmãos homens”. Para fazer isso, não foi necessário nenhum esforço, simplesmente fui atrás dos desejos que nasceram no meu coração diante das próximas eleições, por causa da experiência de fé à qual tenho a graça de participar.*

Carrón: Como vemos, essas colocações, uma a uma, demonstram que ter encontrado o que a pessoa procura não bloqueia a busca, mas a coloca em movimento continuamente. Isso é evidente. A experiência de fé não só não bloqueia a busca, mas a exalta. Essa é a primeira contribuição que a Igreja dá à nossa vida: nos oferece a possibilidade de pertencer a um lugar que constantemente faz com que todos nós, cada um de nós, nos interessemos por coisas que antes considerávamos abstratas em relação ao bem de todos.

Colocação: *Na última quinta-feira fui a um encontro com um político e, pela primeira vez na minha vida, surgiram perguntas sobre política e não só...*

Carrón: “Surgiram perguntas”: não tinha tudo claro como ponto de partida.

Colocação: *...e lhe faço algumas delas. Em um momento histórico como o nosso, em que tudo parece tão fragmentado, em que consiste a unidade dos cristãos? Onde a vejo também nas minhas escolhas políticas? O que quer dizer para você ser nosso pai? Qual é o critério com o qual eu reconheço quem é um verdadeiro guia para mim? Depois do encontro de quinta-feira, decidi perguntar a um rapaz a quem estimo e que tem mais conhecimento do que eu o que pensava a respeito, e também fazer outras perguntas surgiram. Vi que ele estava mais preocupado em atacar o político – na verdade, eu também não concordava com tudo o que ele tinha dito –, em defender uma posição e, sobretudo, vi que me olhava com preconceito por ter ido ao encontro, e por ainda não ter lido os textos sugeridos, inclusive o do Papa. Não saí tranquila dessa conversa porque, mesmo estando de acordo em relação a quase todas as coisas que ele dizia, não me senti olhada por inteiro, apenas percebi o escândalo dele por eu ainda não ter feito “as coisas que deveria fazer” para ser uma boa cristã, uma ciellina dedicada. Logo depois, encontrei outro amigo a quem contei as coisas que ele me disse (sem mencionar o escândalo dele). Esse amigo simplesmente me disse: “Que bonito que nasceram em você essas perguntas porque não é óbvio!”. Fiquei muito tocada porque, mais do que olhar para a incoerência das minhas ações, para a minha infidelidade diante das minhas próprias perguntas, este amigo olhou-me a partir da necessidade verdadeira que eu tinha de entender e que me fazia perguntar. Então, a primeira coisa que fiz quando voltei para a Biblioteca foi ler os textos que devíamos ler, não mais como dever moral, mas como possibilidade, para mim, de descobrir algo a mais sobre os meus questionamentos. Percebo que também entre nós podemos nos olhar de modo reduzido, querendo convencer o outro, ou podemos nos olhar a partir das perguntas verdadeiras que temos – às vezes traídas por nós mesmos, às vezes escondidas – e nos apoiarmos nisso. Este último me parece o único olhar interessante também no diálogo sobre a política. Como posso olhar para alguém que não vota na mesma pessoa que eu a não ser a partir das perguntas que todos temos e sobre as quais podemos verdadeiramente dialogar? Enfim, depois participei de outra conversa sobre as eleições, na qual muitos sustentavam que era necessário dizer também publicamente em quem votar, por diversas razões que não vou repetir aqui. Enquanto escutava, eu, que sou ignorante em política, senti algo agitar-se em mim. Se olho para este período, para o caminho que fiz – não sozinha – para tentar entender, e mesmo que olhe só para as perguntas que nasceram em mim em relação às eleições – mas também em relação a mim mesma, a como me coloco no mundo, a como me coloco diante dos meus amigos –, não posso sinceramente ter como máxima aspiração a de que alguém me imponha do alto em quem votar, e não porque eu seja uma grande especialista em política, não porque não devemos realmente nos comparar, não porque cada um deva fazer como melhor lhe aprouver e não haja uma verdade única à qual todos aspiramos, mas porque se essa verdade não se torna minha, não pode realmente ser vivida por mim. Uma verdade que não é minha seria como uma estrangeira em minha casa. Sem o estímulo a me mover em primeira pessoa, eu não teria descoberto essas coisas sobre mim. Desejo fazer esse caminho ao qual você e o Papa nos convidam porque quero descobrir cada vez mais quem eu sou.*

Carrón: “Se essa verdade não se torna minha, não pode realmente ser vivida por mim”. Depois de todas essas colocações, cada um de nós neste período, a partir do quanto se envolveu ou não, do

modo como respondeu às provocações e às sugestões que demos, está fazendo a verificação da fé. Para que serve participar de um lugar como este? O que torna razoável estar aqui a essa hora da noite? Somente se este é um lugar onde, pelo fato de estarmos aqui, cada um de nós não só não para de buscar, mas é constantemente despertado a levar a sério as próprias perguntas e a desejar fazer um caminho que nos torne cada vez mais protagonistas. É isto que documenta a verdade do dogma, ou seja, a autoconsciência que a Igreja adquiriu no tempo.

O trabalho não termina aqui. Nesta noite tivemos uma confirmação ulterior sobre uma questão absolutamente concreta – as eleições –, mas também sobre a vida na escola, as vicissitudes da vida e as preocupações que temos; sobre a conveniência humana da fé, a sua pertinência às exigências da vida, sobre como a fé nos permite fazer um caminho verdadeiramente humano. Agora cada um tem uma razão mais clara para aderir ou para decidir fazer o que quiser, mas não pode continuar dizendo que o texto da Escola de Comunidade que estamos trabalhando é abstrato, que não tem a ver com a vida. Nós, de fato, pudemos ler estas páginas, que inicialmente pareciam abstratas, descobrindo toda a sua pertinência com a nossa vida, e isso mostra qual é a novidade que nos foi dada encontrar.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 21 de março, às 21h00, para quem quiser continuar o caminho. Continuaremos o trabalho sobre *Por que a Igreja*. Faremos a parte intitulada “O comunicar-se de uma realidade divina” até o ponto sobre os sacramentos, da página 278 à 291.

O Cartaz de Páscoa fala da razão que move tudo em nós.

Leio a frase de Dom Giussani que escolhemos para acompanhar o quadro de Burnard que representa os dois discípulos correndo ao sepulcro na manhã da Ressurreição: “Desde o dia em que Pedro e João correram ao sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo pode ser mudado [também um momento de desinteresse pelas coisas, como vemos que se alastra]. Desde então e para sempre um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – de maneira misteriosa, mas certa – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que, uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, torna-se visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-conosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida”.

O livro do mês de Março [na Itália] é *Um hino a Nagasaki*, de Paul Glynn (Ed. Loyola, São Paulo, 1998). É muito interessante ler como o médico japonês protagonista do livro encontrou a fé. E ver como – no momento de destruição e de desorientação depois da bomba atômica lançada sobre Nagasaki – o seu ser cristão representou um ponto de reconstrução e de recomeço para o Japão.

Pensamos neste livro depois de ver a fotografia que o Papa distribuiu, tirada por um fotógrafo americano depois do bombardeio atômico de Nagasaki: um menino espera a sua vez no forno crematório, carregando o irmão morto nas costas. A imagem é uma advertência contra o que o Papa chama de “terceira guerra mundial aos pedaços”, que hoje abala o mundo.

Sobre isso, lembro o convite do Papa para um Dia de oração e jejum pela paz, na próxima sexta-feira, 23 de fevereiro.

No final de fevereiro estará nas livrarias uma nova edição Rizzoli do livro de Dom Giussani, *Realtà e giovinezza. La sfida*. O livro traz alguns diálogos de Dom Giussani com os jovens e sobre os jovens. Antecipando uma percepção hoje difundida, Giussani tinha se dado conta muitos anos atrás de que o contexto educativo e social tendia a fazer calar as exigências de verdade, beleza, justiça e felicidade dos jovens.

Em vista do Sínodo dos Bispos dedicado aos jovens, com o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” (que acontecerá em outubro), o livro pode ser utilizado para apresentações públicas, sobretudo porque é um tema muito presente nos diálogos que acontecem em tantos lugares da vida da Igreja, e também na sociedade. É uma ocasião antes de mais nada para nós, para lê-lo ou relê-lo: contém muitos pontos absolutamente atuais que podemos oferecer a todos como uma contribuição, porque hoje em muitos há uma preocupação, uma pergunta que pode encontrar uma resposta como a que nós encontramos.

Neste período, na Itália e e em todo o mundo, serão celebradas Santas Missas para lembrar o aniversário da morte de Dom Giussani e do reconhecimento da Fraternidade. Peçamos a Dom Giussani que nos ajude a ser fiéis, apesar de todos os nossos limites, ao caminho que indicou. Dificilmente poderíamos ouvir as coisas que escutamos nesta noite se não fosse a pertença a este lugar gerado pela graça recebida por Dom Giussani e à qual nós continuamos sendo fiéis.

Que o tempo de Quaresma que a Igreja nos propõe seja uma provocação para descobrirmos o que é verdadeiramente essencial para a vida.

Veni Sancte Spiritus. Veni per Mariam